

## Prosa e Poesia em *Prosas Seguidas de Odes Mínimas*, José Paulo Paes

Renata Magalhães Vaz<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho propõe-se fazer uma leitura da obra *Prosas seguidas de Odes Mínimas*, considerando a ligação que o poeta estabelece com a tradição e focalizando, de maneira especial, o modo como ele desenvolve sua poesia na referida obra estreitando os limites entre prosa e poesia. Quanto à tradição, mostra-se a forte ligação de Paes com seus precursores, notadamente percebida com Drummond e Bandeira, não deixando que passe despercebido o trabalho memorialístico realizado pelo poeta e sua posição na contemporaneidade. Assim, analisa-se também a ode sob a ótica irônica e humorística, pontos marcantes de Paes, que conduzem sua produção à crítica pessoal e à auto-ironia. Serão usados como fundamentação os teóricos da modernidade como Octavio Paz, Eliot, Guinsburg, teóricos de gêneros literários como Emil Staiger e alguns estudos críticos.

**Palavras-Chave:** José Paulo Paes. Prosa e poesia. Modernidade. Tradição. Ode.

### Introdução

José Paulo Paes foi poeta, ensaísta e tradutor. Ele se diferencia dos demais escritores pelas características inovadoras e conciliadoras, pois não se prendeu às dicotomias, mesmo quando foram exigências da época. O poeta relê a tradição observando-a sob outra perspectiva, a historiográfica.

Paes ainda trabalha com linguagem breve e pessoal, que é tida como irônica e humorística. Ele foge às regras estéticas impostas pela sociedade e pelos escritores da época e busca em seus trabalhos valorizar ao máximo a arte em si e não cair no caos da modernidade, no qual houve hipervalorização da tecnologia, da informática e revolução da comunicação.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG); Unidade Universitária Cidade de Goiás. Professora indicadora do artigo: Doutora Célia Sebastiana Silva UFG/CEPAE

Como consequência, surgiu a desvalorização das obras e da literatura, a qual, segundo Candido (2004), passou a ser vista não como direito de todos, mas assegurada a uma minoria. No entanto, a literatura deve ser concebida em seu sentido amplo, é ela que garante o equilíbrio social, que gera o sonho das grandes civilizações e cria a possibilidade da denúncia, do combate, das manifestações, das negações e da luta em si.

Ainda consoante a Candido (2004), a literatura é a construtora da estrutura e do significado, ela é forma de expressão e conhecimento. Ela tira as palavras do nada e as organiza em um todo articulado comunicando e humanizando. Por seu intermédio o poeta transforma o informal ou aquilo que aparentemente não se pode expressar em estrutura, e dá forma aos sentimentos e à visão de mundo, que é trabalhada por Paes, o qual se revela escritor atento aos problemas sociais e às condições do ser humano moderno e urbano.

O poeta publicou inúmeras obras, dentre elas dezessete livros de poesias, onze obras ensaísticas, estudos, traduções e dedicou-se ainda à literatura infanto-juvenil. A obra *Prosas seguidas de Odes Mínimas* foi publicada em 1992, pela Companhia das Letras e é considerada uma das melhores obras da literatura contemporânea brasileira.

Em *Prosas seguidas de Odes Mínimas* há as odes, as quais, de acordo com D'Onofrio (2007), caracteriza-se pelo tom elevado e sublime que trata dos assuntos, aproximando o *eu* do poeta ao dos leitores, e não deixa que o sentimentalismo se sobreponha ao conteúdo. Na prosa e na poesia, segundo Paz (1996), há semelhança quanto à presença do ritmo na linguagem, pois a linguagem nasce do ritmo e este precede a fala. No entanto, o ritmo é condição primordial para que haja a obra poética, mas é dispensável para a prosa. Prosa e poesia se diferem quanto à forma, conteúdo, posicionamento social e imagem.

Dessa maneira, o presente artigo tem como foco abordar o conteúdo acima mencionado e realizar, com base em fundamentações teóricas, um estudo acerca das aproximações e diferenças entre prosa e poesia, com o intuito de investigar o conceito de ode e a desconstrução desse conceito em *Prosas seguidas de Odes Mínimas*. Para tal, foram abordadas as características da produção literária de José Paulo Paes, os aspectos importantes de *Prosas seguidas de Odes Mínimas*, a diferença entre prosa e poesia na obra de Paes, o sentido em que a ode se configura na obra em análise de José Paulo Paes e suas características, ressaltando a desconstrução feita por Paes dentro da forte ironia, mostrando essa desconstrução como característica típica da contemporaneidade.

## **Rosa e Poesia em *Prosas Seguidas de Odes Mínimas*, José Paulo Paes**

José Paulo Paes publicou inúmeras obras, dentre elas dezessete livros de poesias, onze obras ensaísticas, estudos, traduções e dedicou-se ainda à literatura infanto-juvenil. A obra *Prosas seguidas de Odes Mínimas* foi publicada em 1992, pela Companhia das Letras, e está entre as melhores obras de literatura contemporânea brasileira.

*Prosas seguidas de Odes Mínimas* é um dos livros mais completos do autor. A obra faz abordagem que vai do lirismo à crítica política, com um trabalho de temas muito próximos, o que incentiva a reflexão de nossa própria existência. O nome do livro, *Prosas seguidas de Odes Mínimas*, é instigador, pois é como se o autor quisesse ‘camuflar’ o quanto de poesia há em cada parte do livro, já que anula a possibilidade, *a priori*, de se existir poesia em suas prosas, fato que cai por terra ao se ler e analisar os textos, que nada mais são que prosas poéticas.

Paes organizou sua obra de maneira a percorrer todos os ciclos da vida. De seu primeiro poema – *Escolha de túmulo* – até o último – *A um recém-nascido* – o poeta ‘convence’ o leitor a aceitar a vida e suas amarguras. Ele mescla a distância dos entes queridos e suas separações com as alegrias da chegada de um recém-nascido. Ao mesmo tempo em que lamenta as perdas de seus familiares, as angústias da vida, exalta a felicidade e dá as boas vindas ao novo ser. Há relação entre distância e proximidade, um limite entre o ‘nós’ e cada ‘coisa’, desconstrução da ode por meio da ironia e, concomitantemente, dá-se margem entre prosa e poesia e suas definições.

O livro é composto de vinte poemas chamados de prosas e treze odes. É considerado o clímax da produção poética de Paes, que se preocupa em fazer constantemente a “transleitura”, neologismo criado pelo próprio escritor que exprime seu desejo de “reler” e interpretar poeticamente o mundo dos livros e do homem, com temas do cotidiano que levam o leitor a questionar de forma profunda sua existência, faz menção à memória e centra-se no distanciamento do nacionalismo. O estilo adotado na obra é conciso, cheio de significado e contribui para o entendimento geral dos textos, com traços românticos concomitantes às lembranças que se presentificam através dos sonhos. Com linguagem bem elaborada e realista, que trabalha com a oposição de idéias, com o uso de figuras de linguagem, em especial, a antítese e o paradoxo, voltada para a realidade, que é vista sob o ponto de vista racional, e vinculado à modernidade e à inovação. José Paulo Paes usa das palavras atribuindo-as significados que as tornam marcantes e faz “brincadeiras” através de procedimentos verbais e visuais.

Dessa forma, com base nas considerações feitas anteriormente, pode-se aplicar a Paes o que Yokozawa diz sobre Mario Quintana, outro poeta modernista brasileiro:

(...) busca freqüentemente, no cotidiano, a matéria de sua poesia. Mas ele não reproduz o olhar automatizado que lançamos sobre a vida de todo dia. Trata-se de uma mirada que reinventa o ordinário. Nessa reinvenção, o poeta recorre muita vez ao humor, a uma ironia sutilíssima, de modo a apresentar uma visão desestabilizadora da vidinha diária aparentemente sólida, das verdades assentadas do senso comum, ou ainda dos valores estabelecidos pela tradição literária. O cotidiano também é freqüentemente recriado em flagrantes poéticos originais. (2006, p.64)

A poesia em prosa tem relação direta com a matéria em si, com o relatar da vida moderna e a libertação da rigidez da lírica quanto às normas padrões de versificação. Poesia em prosa é a forma que o escritor utiliza para se expor mediante as características do meio em que vive e envolver o leitor, que resistente à versificação, opta pela forma mais simples e transparente da prosa.

A resistência à poesia é característica da sociedade atual. Com a velocidade das informações, do tempo e da vida em si, não há tempo para se perder lendo poesias. É preciso que o leitor se doe por completo – alma e corpo – e não se prenda ao tempo, com o olhar fixo no relógio. Outro fator é o alto índice de analfabetismo, que, de acordo com estudos de Antônio Candido (2000), é acentuado devido à diversidade lingüística, já que cada uma busca lugar na sociedade. Ligado ao analfabetismo está a debilidade cultural – essa debilidade se dá por fatores econômicos e políticos. Por conseguinte, a literatura erudita, na sociedade atual, está fora do alcance da população, pois se prioriza a literatura massificada, que valoriza o folclore. Há também a formação escolar que pouco influencia tal cultura, o baixo interesse das pessoas na busca da literatura, com a pouca freqüência a bibliotecas e livrarias, e o elevado índice dos meios de comunicação em massa. Assim, o desinteresse cultural produz debilidade que interfere na cultura e na qualidade das obras.

Dessa ‘fusão’ entre prosa e poesia e suas ligações intrínsecas, pode-se notar, segundo Platão [s/d], que tanto o prosador quanto o poeta não se preocupam em narrar acontecimentos passados, presentes ou futuros. Eles trabalham com o atemporal. Na verdade, suas produções centram-se na chamada mimese, imitação da realidade, mas dotada de inovação. Não a imitação fidedigna, mesmo porque isso não é possível, pois em tudo quanto se cria há o novo, o inesperado. Portanto, o autor é o meio de expressão. Há, pois, a Poética da mimese, que alega que o prosador e o poeta partem da imitação e

chegam à realidade de maneira que as imitações tornam-se hábitos na infância e, consequentemente, na vida.

Mesmo em face de algumas semelhanças, a prosa e a poesia apresentam, também, diferenças que merecem ser mencionadas. A partir disso, pode-se estabelecer um panorama com base nas considerações de Paz (1996) que mostra que na prosa, assim como na poesia, há a presença do ritmo, pois ele é condição primordial para a linguagem. No entanto, segundo Paz (1996), o ritmo é essencial para a poesia, mas dispensável à prosa. Em toda a prosa há um leve ritmo, mas que não é demonstrado explicitamente, ao contrário da poesia, que necessita do ritmo para garantir sua concretização. O ritmo está anteposto à fala e toda expressão verbal é ritmo. Enquanto no poema o ritmo se expressa espontaneamente, na prosa, os vocábulos surgem do ritmo.

Ainda, de acordo com Paz (1996), o ritmo assegura à poesia a musicalidade, não a musicalidade cantada, típica das peças líricas da Antiguidade Clássica, que requer acompanhamento instrumental, mas aquela que surge por meio dos recursos usados nas poesias, como “rimas, assonâncias, aliterações, estribilhos e marcação rítmica (...) que fazem com que a palavra poética cante, ainda que na leitura silenciosa do gabinete, e exerça poder encantatório, semelhante o do gênero musical” (Yokozawa, 2006, p.87). A musicalidade, portanto, garante à poesia sua firmação na boca do leitor e sua respeitabilidade. Para essa concretização, é usada a repetição, base da musicalidade, que através da memorização, como efeito freqüente das repetições, garante a sobrevivência e apreensão da poesia, que ganha sobrevida no coração e na memória do leitor.

Ao retomar a prosa, de acordo com Paz (1996), tem-se um gênero que surgiu mais tarde que a poesia e que busca a coerência, a claridade dos conceitos, a evolução, a crítica e a análise. Ela se manifesta em imagens e não em conceitos, nega-se a si mesma, nela há constante movimentação de imagens e ritmos, com pausas e acentos. O acento possibilita a leveza, o movimento das palavras e idéias, que se colocam em linha reta, com meta precisa.

Na prosa há referência da descrição ao raciocínio, especialmente na prosa espanhola, e o uso de recursos da escrita, como parágrafos, parênteses, acentos e vírgulas; valoriza-se a oratória e aquilo que se mostra palpável/concreto. Ela preocupa-se com o amadurecimento das idéias, como discurso em si, com o posicionamento do pensamento e com a racionalidade. É gênero aberto, que realiza uma marcha, um desfile de teoria e idéias.

A cada novo prosador, ainda consoante Paz (1996), surge nova linguagem, daí seu caráter inovador e moderno. Dessa maneira, a prosa se aproxima da poesia, que rompe a tradição e busca a inovação. Outra contribuição para essa aproximação é a linguagem falada e a forte ligação entre o ritmo e a imagem, que se mostram indissociáveis. O prosista se fundamenta na razão e procura com clareza e precisão criar conceitos, mas foge da corrente rítmica, a qual trabalha com imagens, e não conceitos.

Estruturalmente, a prosa apresenta-se de maneira aberta e linear, enquanto o poema mostra-se fechado. Para Valéry (Apud Paz, 1996), a prosa pode ser comparada com a marcha e a poesia com a dança. A primeira segue sequência de fatos e acontecimentos, que garantem o desenrolar da história. “A figura geométrica que simboliza a prosa é a linha: reta, sinuosa, espiralada, ziguezagueante, mas sempre para adiante e com meta precisa” (Paz, 1996, p.12). Já a segunda, tem caráter esférico, o qual os acontecimentos se desvencilham como se estivessem em um círculo, algo fechado, que se repete e recria por meio do ritmo e reflete a essência do poema.

Segundo Paz (1996), embora o ritmo seja suporte da poesia, não se pode dizer que ele seja um conjunto de metros. Os metros nada mais são que medidas, acentos, pausas e quantidades silábicas, enquanto o ritmo, como já mencionado, garante a musicalidade e a leveza da poesia. Essa leveza, conforme diz Ítalo Calvino (1990), está ligada à busca do artista de se distanciar do peso intrínseco à realidade, não se distanciar da realidade em si, mas fazê-la mais leve e agradável, o que possibilitará a ‘extração’ de sensações, sentimentos e fará valer a arte que há na poesia. Com a Revolução Industrial, entre outros fatores, as tecnologias e o tempo acelerado da vida urbana contribuíram para muitas produções que refletiam o caos que se encontrava e se encontra a sociedade atual, porém, alguns escritores fugiram a essa linha e optaram por produção mais leve, que ousa, sonha e valoriza os sentimentos e a esperança. Diante a situação social, tanto a valorização dos sentimentos e a esperança fizeram mais sucesso e obtiveram maior aceitabilidade dos leitores, que mesmo cientes e acompanhando a modernidade, ainda acreditam e esperam por um mundo melhor, mais leve e humano.

A leveza não deve ser vista como meio de facilidade, mas sim como uma forma diferente de expressão verbal e de se ver o mundo. Embora leve, possui, ao contrário do que já foi dito, um peso, mas um peso metafísico e verbal, e não um peso que recai sobre os ombros do homem de maneira sofrida e triste. Ela busca o que há de melhor e mais puro nos recônditos do ser. A leveza trabalha com o lírico do poeta, sem falar da

lembrança que machuca e maltrata, porém algo que diminui a ‘carga’ de sofrimento, tornando a dor mais tolerável e aceitável.

Mesmo memorialística, uma poesia, de acordo com o gênero a que se enquadra, é ficcional. Pode-se dizer, portanto, que o autor retrata suas falsas recordações, e que as imagens e memórias do poeta são transcendidas pela imaginação e criação. Para a melhor interpretação dessas poesias que fazem referência à memória, seria necessário, antes de qualquer coisa, que se conhecesse a biografia do autor, mas essa não é considerada uma forte exigência, já que algumas poesias são compreendidas sem o conhecimento prévio da vida do artista. A memória presente nos poemas através da (re)criação, da ironia e, em alguns momentos, de conclusões proverbiais, transcende a palavra e ganha vida na boca do leitor. Dessa forma, os versos, a memória e a lírica baseada na memória representam a lírica moderna do século XX, a qual é notadamente percebida nas obras de Paes, em especial na obra *Prosas seguidas de Odes Mínimas*.

Na lírica moderna, segundo Yokozawa (2006), a poesia é alheia ao progresso, à evolução, tem caráter fechado, pode ser representada pela dança, pois vai além do idioma e da escrita, penetra nos recônditos da alma e é carregada de lirismo. Quando se fala em poesia avessa a progresso e evolução, fala-se da poesia que valoriza os sentimentos e emoções do poeta. Mesmo com as inúmeras tecnologias e a busca insaciável do novo, a poesia não se faz ‘prisioneira’ dos padrões capitalistas. Ela busca nova maneira de expressão e o inesperado. O caráter fechado caracteriza-se, como já mencionado, pela criação e recriação da poesia, como se ela se mantivesse dentro de um círculo, que interliga todos os fatos e situações presentes no poema, assim, a poesia acaba por se tornar *autossuficiente*. Já a dança, por meio da musicalidade, métrica, rima e ritmo, representa a poesia. A música caminha junto à poesia desde a época dos cancioneiros, em que poemas eram declamados ao som de liras ou outros instrumentos, no entanto, com o passar do tempo, ambas se separaram e a poesia passou a reger sua própria música, através do som da palavra. Por fim, ao se inferir a ligação entre poesia, essência e lirismo, tem-se, conforme considerações de Paz que:

(...) a poesia, se é alguma coisa, é revelação da “essencial heterogeneidade do ser”, erotismo, “alteridade”. Seria inútil buscar (...) a revelação dessa “alteridade” ou a visão de nossa estranheza. A descoberta disso surge em (...) obra poética como idéia, não como realidade, isto é: não se traduz na criação de uma linguagem que encarnasse nossa “alteridade”. (1996, p.31)

Nesse sentido, a poesia é vista como meio de expressão não somente verbal, mas antes de tudo, expressão e fusão dos vários posicionamentos do *eu* na sociedade e a valorização da essência e dos sentimentos, que ganham sentido na estrutura do poema e por meio da sensibilidade do leitor, o qual extrai aquilo de puro que o artista expõe em sua obra.

A crítica ainda se mostra tímida em face do valor das obras de José Paulo Paes, que são pouco conhecidas e estudadas. Consequentemente esquece-se da importância de se estudar poesia, pouco lida de forma geral, e a poesia contemporânea. Segundo o próprio Paes (Apud Júnior, s/d), a poesia nasce de talento natural, do arrebatamento da alma poética, de um talento natural com uma cultura que ajuda o poeta a transcrever para a escrita o seu talento e a impressão de mundo. Portanto, a poesia deve ser vista como forma de expressão do homem, e dar margem à reflexão do ‘ser’ e do ‘estar’ no mundo contemporâneo, valorizar a produção poética e usá-la como meio de protesto contra os (des)valores da sociedade.

Assim, ao se falar de prosa mínima seguida de poesia máxima em José Paulo Paes, tem-se estruturalmente um discurso, em que as idéias ‘saltam’ de um lugar a outro, do passado ao presente como se estivessem sendo narradas e interligadas em oratória, mas conteudisticamente, as palavras ganham forma, expressão e imagem e se colocam a dançar, conforme sentido na poesia. Por conseguinte, essa mixagem entre prosa e poesia comprova que os vários gêneros literários caminham lado a lado e fundem-se. O estudo sobre gêneros literários e essa denominação surgiu com Platão e anos mais tarde passou a ser analisado por Aristóteles, assim como outros teóricos, que destinaram seu tempo para o aprimoramento de tal estudo. Em Aguiar e Silva (1973), há conceitualização de gêneros literários por meio da teoria a qual diz que:

Brunetière, influenciado pelo dogmatismo da doutrina clássica, concebe os gêneros como entidades substancialmente existentes, como essências literárias providas de um significado e de um dinamismo próprios, não como simples palavras ou categorias arbitrárias, e, seduzido pelas teorias evolucionistas aplicadas por Darwin ao domínio biológico, procura aproximar o gênero lírico da espécie biológica. (p.215-6)

Deste modo, o gênero literário é visto como entidade que nasce, cresce, se desenvolve e morre ou se renova, mas se renova com outra forma, proveniente de fusões entre gêneros. A base para o desenvolvimento e surgimento dos gêneros literários é a expressão lingüística, garantida pela interação comunicacional. Para que se possa sensibilizar o leitor, ao realizar a fusão de gêneros, é necessário mesclá-los como em um



todo, tornando-os, assim como intitula Staiger (1997), o *um-no-outro*, pois é somente dessa forma que as idéias ganham sentido.

Nesse contexto, há um ‘verso e um reverso’ da prosa e da poesia de José Paulo Paes, que por meio da narração do discurso mais prosaico, da linha reta (como quer Paz), da ausência de versos, faz com que os mesmos assuntos e temas abordados na poesia ganhem espaço no presente e essa, através do lirismo, foca a recordação. Um trabalha com o tempo, mas com o tempo que perde seu sentido cronológico e ganha a nuance atemporal, o outro com o ser, porém, ambos conseguem juntos a notoriedade graças à combinação e ao encaixe entre estrutura e conteúdo, o que traduz com sabedoria as lembranças de Paes, que mesmo passadistas, renascem no presente.

### **ODE: O Máximo no Mínimo**

A segunda parte de *Prosas seguidas de odes Mínimas* refere-se à ode. Ela surgiu na Grécia Antiga, durante o período clássico, o qual se estendeu até o século XVIII. O apogeu do Classicismo foi entre os séculos V e IV a.C., com idéias que reverenciavam a razão, a negação do sentimentalismo; a valorização da beleza, porém a beleza natural, e o repúdio ao exagero. Ele desenvolveu-se também na França, na Inglaterra, em Portugal, na Itália e em Roma, defendia o Racionalismo, o Universalismo, o Antropocentrismo e o Paganismo. O primeiro valorizava a razão, que preponderava sobre a emoção e o sentimento, tal como a valorização da natureza e a libertação do pensamento, o qual ganhou novos horizontes e deu margem ao surgimento de avanços nas ciências e em outros campos de igual importância; o segundo diz que a obra deve ser um direito de todos e não privilégio do próprio autor, ela deve abarcar o todo e alcançar o universalismo, com o predomínio da razão e não do subjetivismo; o terceiro focaliza o homem como o centro do Universo. O Teocentrismo, típico da sociedade medieval, perdeu sua posição com o surgimento da cultura renascentista e, por fim, o Paganismo, que valorizava o homem, seus feitos heróicos, sua capacidade de transformar o mundo e inovar e a presença dos vários deuses.

Nesse contexto nasceu a ode, que, segundo Salvatore D’Onofrio (2007), apresenta tom elevado, aspecto solene, composta por estrofes e versos, é forma poética do gênero lírico e trata de temas variados que vão desde os prazeres da mesa, nascimento, morte, até as celebrações de vitórias em jogos ou batalhas. Em “*Prosas seguidas de Odes Mínimas*”, o poeta dedica parte da obra, composta de treze poemas, a

ode. Dessa forma, não se pode falar deste gênero literário sem antes mencionar o significado de canção, o qual, segundo Massaud (1974), diz que:

várias conotações revestem o vocábulo ‘canção’. De modo genérico, designa toda composição poética destinada ao canto ou que encerra nítida aliança com a música. Nesse sentido, o termo acoberta poemas de vária natureza, infensos a qualquer discriminação esclarecedora. (p.68)

Dessa maneira, a ode, “do grego *oidê* que, como a palavra *hino*, também significa ‘canto’” (D’Onofrio, 2007, p.233), era acompanhada por instrumento musical de corda (lira ou harpa). *A priori*, a ode era um canto individual que trabalhava com temas variados, que expressavam basicamente experiências e sentimentos pessoais, com um tom ligeiro, o que a caracterizou como *sáfica* (da poetisa Safo) e a fez ser ‘adotada’ por grande parte dos melhores poetas líricos da Grécia antiga, tais como Anacreonte, Alceu e Safo. Com o passar do tempo, a ode começou a abordar temas mais solenes, como a religião, guerras, pátria e heróis, aproximando-se mais do hino. “Estesícoro, poeta do século VI a.C., inventou a forma triádica, que se tornou modelar: a *estrofe*, a *antístrofe* e o *epodo*” (D’ONOFRIO, 2007, p.234). Inicialmente, como a produção poética ainda caminhava junto à arte dramática, havia coros e semicoros que entoavam cantos. Eles eram organizados de forma que os coros cantavam primeiramente uma estrofe, com a subsequente canção da antístrofe realizada pelo semicoro e, por fim, ambos se uniam e entoavam o epodo. Essa forma de conduzir a ode foi intitulada de *pindárica* – devido o poeta Píndaro - ou “triumfal”.

Ainda de acordo com considerações de D’Onofrio (2007), com o fim da Idade Média e a queda da cultura Greco-romana, a ode ressurgiu no período renascentista da Era Moderna, a partir de então ganha novas matizes e confere às obras os já mencionados tons elevado e sublime que tratam dos assuntos, aproximando o “eu - lírico” do poeta ao dos leitores, mas sem permitir que o sentimentalismo se sobreponha ao conteúdo. Assim, a ode apresenta formas variadas, divididas em três tipos:

*pindárica*, organizada em três estrofes – as duas primeiras (estrofe e antístrofe) iguais, e a terceira (epodo) diferente; a *horaciana*, composta por estrofes iguais; e a ode *livre*, que permite um número variável e irregular de estrofes (D’ONOFRIO, 2007, p.234)

Essa última representa a estrutura típica das produções modernas, caracterizadas pelo tom inovador e ousado, assemelhando-se, nesse sentido, à prosa poética de Paes que, na verdade, nada mais são que poesias estruturadas em forma de prosas. Assim, a

ode é distinguida de outras formas poemáticas pelo seu caráter elevado e em forma de oratória, como na ode:

À TINTA DE ESCREVER

Ao teu azul fidalgo mortifica  
registrar a notícia, escrever  
o bilhete, assinar a promissória  
esses filhos do momento. Sonhas

mais duradouro o pergaminho  
onde pudesses, arte longa em vida breve  
inscrever, vitríolo o epigrama, lágrima  
a elegia, bronze a epopéia.

Mas já que o duradouro de hoje nem  
espera a tinta do jornal secar,  
firma, azul, a tua promissória  
ao minuto e adeus que agora é tudo História.  
(PAES, 1992, p.65)

Aqui, Paes menciona a tinta de escrever exaltando-a através do uso da crase, a qual revela tom de homenagem (À). A tinta de escrever, apesar de estar perdendo seu espaço para as inovações tecnológicas, como o computador e outras tecnologias de alto nível, representa um marco para os registros e acontecimentos mundiais. Por meio desse recurso, boa parte das notícias, documentos, um simples bilhete ou qualquer outro tipo de acontecimento, puderam e podem ser registrados em tempo real e imediato. A tinta de escrever esteve presente até mesmo na descoberta de uma terra até então desconhecida, o Brasil, por Pero Vaz de Caminha, que registrou todos os detalhes, dimensões, fauna, flora, tal como sua viagem e o descobrimento da nova terra em si. Assim, a tinta foi e ainda é de grande importância para a sociedade. Ela ainda proporcionou produções importantes, como o epigrama, usado pelo próprio Paes, e outros gêneros literários, como a epopéia, a elegia, tal como os demais aqui não mencionados, mas existentes na literatura. Para finalizar, Paes diz: “Mas já que o duradouro de hoje nem espera a tinta do jornal secar, firma, azul, a tua promissória ao minuto e adeus que agora é tudo História”. Nesse momento, o poeta dá à tinta de escrever sublime importância, pois tudo quanto nasce e surge da tinta de escrever torna-se história, marco na sociedade.

Dessa forma, *Prosas Seguidas de odes Mínimas* focaliza a exaltação das coisas simples e rotineiras da vida, características próprias da ode, e do texto em análise, associando temas predominantes de tal gênero à atualidade, com o uso da ironia, que

induz à desconstrução da ode, em que Paes consegue retratar o máximo de detalhes no mínimo de recursos, relatar dramas e transformá-los em grandiosos.

### **Paes e Seus Precursores**

Eliot (Apud NOSTRAND, 1968) diz que a ligação entre o poeta e a tradição e o poeta e sua própria poesia deva prevalecer, pois a mente do poeta deve ser lugar onde o artista armazena imagens, frases, sentimentos, impressões e experiências de outros autores. Deve estocar tais idéias, para depois uni-las e convertê-las em um novo composto, assim como fez Paes em *Mundo Novo*, em que através de apreensões de outras obras, algumas até antigas, como a Bíblia Sagrada, produziu obra inovadora, vista sob um olhar maduro e cheio de experiência, que demonstra com criticidade a realidade atual do mundo, mas sem se desvincular à tradição.

Nesse âmbito, José Paulo Paes demonstra estar inserido na tradição poética, porém isso não o inferioriza, pelo contrário, dá credibilidade a sua produção. Essa influência vivenciada por Paes é observada, de forma especial, através de seus precursores Drummond e Bandeira. O primeiro realizou grande influência na produção paesiana, se não a maior influência nas obras de Paes. Drummond (Apud Cornette, 2008), numa carta escrita a Paes ao receber o livro *O aluno*, relata que acreditava que a busca do autor deveria vir de dentro dele mesmo, na procura de si e sobre si, e não através da busca do outro. Assim fez Paes, que seguiu o conselho de Drummond e a cada dia procurava se encontrar como poeta e também como pessoa, no entanto, para Paes alcançar essa 'autonomia' foi necessário a caminhada, em que se vê influência sob a ótica imoral, tal como diz Oscar Wilde, em *O retrato de Dorian Gray*, por meio da voz de lorde Henry:

Toda influência é imoral... imoral, do ponto de vista científico. (...) considero que influir sobre uma pessoa é transmitir-lhe um pouco de sua própria alma; esta pessoa deixa de pensar por si mesma, deixa de sentir paixões naturais. Suas virtudes não são mais suas. Seus pecados, serão emprestados. (2006, p.54)

Nesse trabalho com as decepções com o mundo é que Paes e Drummond se assemelham. Ambos tentam buscar soluções e expor as condições a que se encontra a sociedade, portanto, Drummond representa influência literária forte para Paes. Porém, a influência sobre as obras paesianas não se limitam apenas a Carlos Drummond de

Andrade, há também o relevante vínculo de Paes a Bandeira, os quais recuperam a memória, o convívio familiar e a infância presentes nas fases de suas vidas.

Bandeira e Paes, então, se aproximam por trabalharem temática semelhante, que valoriza muito o cotidiano, as lembranças da infância e a menção a morte. Porém, Paes não estabelece a ligação com a tradição somente por meio da prosa poética e suas demais literaturas, mas também através da ode, forma poética antiga que quebra o aspecto fechado da obra paesiana, o que permite o surgimento de obra aberta, proporcionadora de várias interpretações. Dessa forma, ao trabalhar com a ode, Paes estabelece ligação próxima entre a ode, tradição e a contemporaneidade, que segundo Eliot (Apud Nostrand) diz:

O poeta deve desenvolver ou conseguir a consciência do passado, e continuar a desenvolver esta consciência através de toda a sua carreira.  
O que acontece é uma contínua renúncia de si mesmo no momento em que ele está lidando com algo muito valioso. O progresso do artista é um permanente auto-sacrifício, uma ininterrupta extinção da personalidade.  
(1968, p.192)

Nesse sentido, não há, portanto, obra fechada, homogênea. As produções estão sujeitas a interferências de idéias e características da tradição, que envolve senso histórico e percepção, o que faz com que o homem não escreva unicamente de acordo com sua geração, mas o faz remontar à realidade tradicional e assumir um caráter atemporal, pois “o passado deve ser alterado pelo presente tanto quanto o presente é dirigido pelo passado” (Eliot, Apud Nostrand, 1968, p.190).

Todavia, a ode, abordada com olhar especial em *Prosas seguidas de Odes Mínimas*, rompe com essa tradição ao utilizar da ironia. O aspecto de rememoração, homenagem, trabalho com o cotidiano, menção às festas, batalhas e mesmo sentimentos, cede lugar à crítica social, que é foco de Paes em muitos de seus estudos, sobretudo na obra em análise. Paes busca, por conseguinte, a (re)definição para a ode, bem como a análise da desconstrução desse conceito tradicional sob um olhar, o do humor, que permite essa desconstrução como característica cara à poesia moderna e contemporânea.

Tal desconstrução se dá através da ‘doce ironia’, expressão utilizada por Yokozawa (2006), que instiga o homem a rever seus conceitos e verdades, ‘reconstruir’ seus pensamentos e sua realidade, desmascarar sua face frente ao individualismo típico da sociedade contemporânea. Paes, mesmo que subtendido, busca ‘desconstruir’ conceitos prontos e instigar o ser na procura de seu autoconhecimento. Assim, o poeta

usa da ironia como ferramenta para o questionamento do complexo mundo dos homens e como forma de, subjetivamente, remontar às lembranças e desumanidades com tom sereno e introspecto. Usa da ironia para criticar a modernidade, revela sua memória e trata da ininterrupção do tempo como ponto a favor das experiências humanas sobre o viver. Portanto, com base em todas as considerações anteriormente feitas, pode-se afirmar que a ode é símbolo da ruptura da tradição de Paes.

A ironia romântica, de acordo com Guinsburg (1978), centra-se no questionamento aos valores do mundo burguês. “Trata-se, para o Romantismo, de abalar os padrões filisteus e toda esta realidade aparentemente factícia em que o burguês se acha em casa. Mostrar que tudo isto é falso e ilusório” (p.286). Nesse sentido, a ironia, ao contrário do que diz o romantismo, desconstrói os valores burgueses. Ela consegue com maestria trabalhar não somente os aspectos sociais e mundanos, mas de maneira concomitante valorizar, mesmo que indiretamente, a obra poética. Diz-se indiretamente pelo fato de que os filisteus exaltavam o infinito sob um olhar voltado para a essência, mas que remontava o “verdadeiro universo poético” (p.286).

Para Friedrich Schlegel (Apud Guinsburg, 1978, p.287), “A ironia é a consciência clara da eterna agilidade do caos infinitamente pleno. Na mudança eterna de entusiasmo e ironia se expressa a simetria atraente de contradições”. Por conseguinte, ele vê a idéia como um todo que leva à ironia, a qual gera desconcerto diante ao mundo, ao social e diante a si mesmo, produzindo questionamentos, dúvidas e pensamentos contraditórios, que se chocam.

Assim, essa mesma ironia é notada de maneira intrínseca na obra de José Paulo Paes, especialmente em *Prosas seguidas de Odes Mínimas*. Então, a ironia de Paes apresenta características não somente modernas, mas próprias. Paes foca o cotidiano e realiza trabalho voltado para o movimento diário, as coisas simples da vida, mas que sob sua visão e humor não passam despercebidas, pelo contrário, alcançam, ao ver do poeta, especial atenção e merecimento suficiente para ser estudado, todavia, estudado sob a ótica crítica, despida de sentimentalismo e voltada para a estetização mais simples, que se opõe ao estilo antes usado pelos românticos, mas que mesmo diante as mudanças alcançou aceitação do público.

Paes não se contentou a desenvolver unicamente a ironia social e mundana, ele desenvolveu também a autoironia, a qual, segundo Guinsburg (1978), refere-se ao esfacelamento do homem, visto como um fantoche e com sentimentos que nem ele mesmo consegue dominar. “A marionete é uma forma “desrealizadora” da visão

integrada do ser humano, que neste caso surge como brinquedo de forças históricas e sociais, não menos insondáveis” (Guinsburg, 1978, p.289). O que na verdade se expõe aqui é a alienação, que gera no ser a angústia que o impossibilita de se reconhecer e se conhecer e, nessa busca constante, o homem enxerga no outro seu amparo e norte, porém não percebe que é dentro dele mesmo que encontrará todas as respostas de que necessita.

Ligada à ironia está a automutilação, a qual o poeta soube com sabedoria trabalhar e foi em um de seus trabalhos que expôs sua ironia a um fato ocorrido com ele mesmo, a amputação de sua perna esquerda.

### **Considerações Finais**

Dessa maneira, Paes estabelece ligação com a tradição e mergulha no tempo e no espaço, onde busca a memória e, ao mesmo tempo, apropria-se da inovação, característica marcante do moderno, que não é vista somente como algo novo, mas como algo que vai contra as normas vigentes na sociedade. Questiona o que então se encontra imperante; almeja, mesmo que utopicamente, a melhoria do caos a que se encontra o mundo, e prevalece a esperança e o sonho, os quais se encontram sufocados na e pela sociedade, mas que na poesia não se encontram menosprezados. Poesia que sobreviveu ao Imperialismo e que alimenta os desejos de muitos privilegiados, pois somente aqueles que encontram a si mesmos podem alcançar a totalidade, o universal e, assim, se expressarem livremente.

Paes ainda soube com maestria fazer de suas prosas, estruturalmente discursivas, poesias. Assim, o poeta trabalhou com prosas poéticas, já que o conteúdo de muitas de suas prosas era lírico. Lirismo que foi utilizado por Paes com grande ênfase, percorrendo o período Romântico e alcançando a modernidade. Por meio do lirismo Paes expôs as angústias de sua alma e seu descontentamento com o mundo, como na ode *Ao Shopping Center*. Paes é, portanto, um lírico, mas ele centra sua liberdade de criação na liberdade de misturar os gêneros, como faz com as prosas poéticas, já mencionadas.

Há também as odes, que apresentam tom de oratória e são desde a Antiguidade Clássica usadas pelos greco-romanos como meio de homenagem e referência a temas variados, como festas, guerras, batalhas, amor, religião e outros. No entanto, são as odes o símbolo da ruptura paesiana. Paes foge ao conceito tradicional de ode e através da

ironia desconstrói este gênero literário, o qual quebra a tradição e realiza a crítica à sociedade e a ele mesmo – auto-crítica, anteriormente mencionada. A segunda é percebida na ode “À minha perna esquerda”, na qual o poeta usa tom de oratória para criticar a perda de sua perna esquerda que foi amputada e conduz todo o texto em forma de canto.

No entanto, consoante a Cornette:

o mais importante, porém, em relação ao diálogo de Paes com a tradição é que, independentemente dos momentos em que sua poesia apresenta desvios e rupturas, a tradição é uma força positiva que impele o poeta a travar uma luta em prol do alcance da sua dicção pessoal. (2008, p.134)

Portanto, mesmo ao estabelecer a ligação com a tradição, Paes foge a esse padrão, como na ode, e produz voz própria, dotada de personalidade e capacidade criadora, sem imitar seus precursores, com ar crítico e irônico, pontos típicos da produção de Paes.

## Referências:

- ADORNO, T. *Notas de Literatura I*. Trad. de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; 2003.
- AGUIAR e SILVA, *Gêneros literários*. In: Teoria da literatura. Coimbra: Almedina, 1973.
- ANDRADE, C. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- ANDRADE, C. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro, 1945.
- BANDEIRA, M. *Meus Poemas Preferidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. (Coleção Prestígio)
- BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CALVINO, I. *Exatidão*. In: Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. Trad. de Ivo Barroso. \_\_\_\_ São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CALVINO, I. *Rapidez*. In: Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. Trad. de Ivo Barroso, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, A. *A Educação Pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.
- CANDIDO, A. *O Direito à Literatura*. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul / São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CORNETTE, R. “*Deles me Vali*”: José Paulo Paes e a tradição poética. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.



DIAS, G. *Obras Poéticas de A. Gonçalves Dias*. v.1. São Paulo, Editora Nacional, 1944.

D'ONOFRIO, S. *Ode*. In: Forma e sentido. São Paulo, Ática, 2007, 327p.

GUINSBURG, J. *Um Encerramento*. In: O Romantismo. Perspectiva, 1978. (Coleção Stylus)

JÚNIOR, M. *José Paulo Paes: A ética do mínimo*, [em linha], In: <http://www.letras.ufmg.br/poslist>, acessado em 04-11-09.

MASSAUD, M. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

MAINGUENEAU, D. *Tipos e Gêneros de Discurso*. In: Análise de textos de comunicação. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2005.

NOSTRAND, A. *A Tradição e o Talento Individual*. In: Antologia de crítica literária. Rio de Janeiro: Lidador, 1968.

NOVO DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s/d].

PAES, J. *Prosas seguidas de Odes Mínimas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PLATÃO. *A República*. Trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Fundação Calouste Gulbekian, [s/d].

PAZ, O. *Tradição da Ruptura*. In: Os Filhos do Barro: do romantismo à vanguarda. Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PAZ, O. *Verso e Prosa*. In: Signos em Rotação. São Paulo: Perspectiva, 1996.

STAIGER, E. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

WILDE, O. *O Retrato de Dorian Gray*. Trad. de João do Rio. São Paulo: Hedra, 2006.

YOKOZAWA, S. *A Memória Lírica de Mario Quintana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. 300p.